

SOCIABILIDADES ENTRECORTADAS EM VILAS RURAIS SOB O AFLUXO DE MIGRANTES PARA TRABALHAR NA DENDEICULTURA NO PARÁ¹

Dalva Maria da Mota²

 <https://orcid.org/0000-0003-0027-5162>

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar as relações de sociabilidades entre trabalhadores migrantes assalariados na dendecultura e trabalhadores naturais residentes nas vilas rurais no Nordeste Paraense. A pesquisa foi realizada no âmbito do Projeto Agricultura Familiar e Inclusão Social (AFInS). Foram realizados levantamento do tipo survey com 144 atores-chave, entrevistas semiestruturadas com 30 trabalhadores assalariados (27 homens e 3 mulheres) e entrevistas abertas com 9. Os resultados mostram que 90% dos trabalhadores são homens e 10% mulheres, 86% têm de 20 a 40 anos e são predominantemente paraenses (90% do Pará e 10% do Maranhão). A chegada da dendecultura provocou mudanças na morfologia das vilas com novos bairros, abertura de negócios e inauguração de espaços de lazer e religião. Nos lugares de residência, lazer e trabalho os trabalhadores têm interações específicas. O prazer da sociação é marcado pela origem dos trabalhadores e evidencia-se mais fortemente nos lugares de residência (entre migrantes) e no trabalho (entre migrantes e naturais).

Palavras-chave: Trabalho Assalariado. Dendê. Sociação. Simmel.

INTERSECTED SOCIABILITIES IN RURAL VILLAGES UNDER THE INFLUX OF MIGRANTS TO WORK IN OIL PALM PLANTATIONS IN PARÁ STATE, BRAZIL

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze sociability relationships between migrant and native workers employed in oil palm cultivation who reside in rural villages in Northeastern Pará. Research was conducted as part of the Family Agriculture and Social Inclusion (AFInS) Project. A survey was carried out with 144 key actors; semi-structured interviews with 30 salaried workers (27 men and 3 women), and open interviews with 9 workers were also completed. Research results show that 90% of workers are men and 10% are women; 86% are between 20 and 40 years old and they are predominantly from Pará state in Brazil (90% from Pará and 10% from Maranhão state). The oil palm cultivation provoked changes in the morphology of the villages, with the emergence of new neighborhoods and businesses and the opening of leisure and religious spaces. Workers interact in their residence, leisure and work spaces. The pleasure of sociation is marked by the origin of the workers and is more strongly seen in the places of residence (among migrants) and at work (among migrants and natives).

Keywords: Wage Labor. Oil Palm. Sociation. Simmel.

SOCIABILIDADES ENTRELAZADAS EN COMUNIDADES RURALES BAJO LA AFLUENCIA DE MIGRANTES PARA TRABAJAR EN EL CULTIVO DE ACEITE DE PALMA EN PARÁ, BRASIL

RESUMEN

¹ Pesquisa financiada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Doutora em Sociologia. Pesquisadora A da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA. Bolsista de produtividade do CNPq. Telefone: (91) 3204-1001. E-mail: dalva.mota@embrapa.br.

El objetivo del artículo es analizar las relaciones de sociabilidad entre trabajadores migrantes empleados en el cultivo de la palma aceitera y trabajadores residentes en comunidades rurales del Nordeste de Pará, Brasil. La investigación se realizó en el ámbito del Proyecto Agricultura Familiar e Inclusión Social (AFInS), coordinado por Embrapa. Se realizaron encuestas a 144 actores, entrevistas semiestructuradas a 30 trabajadores asalariados (27 hombres y 3 mujeres) y entrevistas abiertas a 9. Los resultados muestran que el 90% de los trabajadores son hombres y el 10% son mujeres de 20 a 40 años y son predominantemente del estado de Pará (90% de Pará y 10% de Maranhão). La llegada del cultivo de la palma provocó cambios en la morfología de los pueblos con nuevos barrios, apertura de comercios, espacios religiosos y de ocio. En los sitios de residencia, ocio y trabajo, los trabajadores tienen una interacción específica. El placer de la sociación está marcado por el origen de los trabajadores y es más evidente en los sitios de residencia (entre migrantes) y en el trabajo (entre migrantes y nativos).

Palabras clave: Trabajo Asalariado. Palma Aceitera. Sociación. Simmel.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar as relações de sociabilidade entre trabalhadores migrantes assalariados na dendeicultura e trabalhadores naturais residentes em vilas rurais no Nordeste Paraense (NEP). O estado do Pará é o maior produtor de dendê do Brasil e faz parte de uma divisão internacional do trabalho, na qual a Ásia, a África e a América Latina produzem e exportam o “óleo de palma” principalmente para a Índia, a China e a União Europeia. A produção segue uma tendência crescente de investimentos maciços em terras nessas áreas produtoras (Wilkinson, 2017), o que estimulou a conformação de novos espaços produtivos. Tais processos têm sido associados a *land grabbing* e *green grabbing* (Backhouse, 2013).

A dendeicultura no Pará é resultante da ação do Estado associada a grupos de interesses que incentivaram sua expansão e sua consolidação no NEP sob o acalorado debate que confronta diferentes opiniões sobre os impactos ambientais, sociais e econômicos que o monocultivo provoca (Mota; Nascimento; Schmitz, 2020; Mota; Schmitz; Mourão Júnior, 2019).

Duas políticas públicas tiveram destaque: o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) e o Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma (PPSOP). O PNPB, lançado em 2004, teve o objetivo de estimular a produção de agrocombustíveis no país com a criação do Selo Combustível Social (SCS) para certificar as empresas agroindustriais que fazem contrato e integram agricultores familiares à sua cadeia produtiva para a produção de biodiesel. O PPSOP foi implantado em 2010 para oferecer mais estrutura técnica e científica à produção, com o zoneamento agroecológico do dendê, além de uma linha de crédito específica para os agricultores familiares integrados que destinam parte do seu estabelecimento para o cultivo do dendê – o Pronaf Eco Dendê. Buscava-se evitar os problemas enfrentados pela dendeicultura na Ásia, que foram objeto de profundas críticas, entre as quais a destruição de florestas nativas. Empresas nacionais e multinacionais instalaram-se no NEP sob uma narrativa de promoção do desenvolvimento

sustentável, de geração de empregos e de inclusão social de agricultores familiares por meio da sua integração às agroindústrias que produzem dendê.

Até 2017, 1.508 famílias e 181 produtores de médio porte estavam integrados à cadeia produtiva da oleaginosa, o que corresponde a 20% dos 207 mil hectares de dendê cultivados no estado (Brandão; Schoneveld; Pacheco, 2018). Após um certo arrefecimento da dendeicultura, tem havido um crescimento do número de agricultores familiares integrados e um movimento de venda e compra de empresas nos últimos anos. Ademais, observa-se a persistência de conflitos com grupos locais no que tem sido chamado “guerra do dendê” (Acevedo Marin; Backhouse, 2014; Carneiro, 2022; ‘Guerra do Dendê’..., 2022).

No que concerne ao trabalho assalariado, é um desafio estabelecer números atuais. A dendeicultura empregava diretamente 16.067 pessoas em 2014, com duas empresas responsáveis por 72,4% do emprego total e com um trabalhador empregado para cada 9,6 a 13,9 ha, a depender das práticas de gestão (Brandão; Schoneveld, 2015). De forma bastante otimista, os autores destacaram as vantagens usufruídas pelos trabalhadores assalariados em contraste com outras condições de trabalho na Amazônia brasileira: base salarial ligeiramente superior ao salário mínimo oficial, bônus de produtividade, transporte, alimentação e outros benefícios que variam de empresa para empresa, como auxílio alimentação, hora *in itinere*, seguro-saúde, moradia. Mais recentemente, a reforma trabalhista (Lei n.º 13.467) aprovada em 2017 – que, entre outras medidas, regula as novas formas de contratação de acordo com as necessidades ocasionais das empresas – altera o quadro e impõe perda de direitos³, dispondo, por exemplo, que “[...] o tempo gasto pelo trabalhador para ir ao local de trabalho e retornar dele, as denominadas horas *in itinere*, deixa de ser computado na jornada” (Valadares; Galiza; Oliveira, 2017, p. 102).

Em se tratando dos assalariados na dendeicultura no Pará, informações orais de um membro da Federação dos Trabalhadores Empregados e Empregadas Rurais do Estado do Pará (Feterpa) indicam que persistem cerca de 20.000 empregos formais, com carteira assinada. Recentemente, Mota, Balsadi e Mourão Júnior (2019), a partir de entrevistas com 70 trabalhadores assalariados, identificaram que eles são predominantemente do Pará, inclusive dos próprios municípios onde trabalham e de municípios vizinhos. A constatação é uma contratendência quando analisados os resultados de pesquisas na produção de *commodities* na escala global, com idas e vindas de homens jovens que dependem do assalariamento para empregos ocasionais, precários e predominantemente terceirizados, como analisado por Li (2014) e Sinaga (2020) na Indonésia e Pye *et al.* (2012) na

3 Ela modifica, entre outros pontos, as situações nas quais o trabalho temporário pode ser utilizado, ampliando as possibilidades, estendendo a duração do contrato e retirando a limitação da sua prática de empresas situadas nas áreas urbanas. Além disso, libera a prestação de serviço por empresas formadas por uma só pessoa, prática conhecida como “pejotização”, permite a formação de cadeia de subcontratação e institui a responsabilidade subsidiária (e não solidária) da contratante com relação aos direitos dos trabalhadores terceirizados e temporários (Valadares; Galiza; Oliveira, 2017, p. 96).

Malásia. Em estudo no México e na Guatemala, Castellanos-Navarrete, Tobar-Tomás e López-Monzón (2019) constataram que trabalhadores investem em viagens de longa distância, ultrapassando fronteiras internacionais, para chegar às plantações. Sob a precarização, tensões pontuam as suas vivências localmente na condição de migrantes, e as idas e vindas causam dificuldades para a constituição de uma família. Tais condições correspondem a condições inseguras e instáveis de trabalho, emprego e vida ao redor do mundo (Dörre, 2015).

No caso do Pará, identifiquei tensões nas vilas aonde os trabalhadores chegam para trabalhar, acompanhados ou não das suas famílias, o que é reforçado pelas conclusões do estudo de Costa (2020) sobre os dilemas da sociabilidade em uma vila rural. Com o propósito de ampliar a escala e a análise, perguntei-me: como se evidenciam as relações de sociabilidade entre assalariados na dendeicultura no universo de interações entre trabalhadores migrantes e naturais (nascidos na própria vila) no NEP?

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no âmbito do Projeto Agricultura Familiar e Inclusão Social (AFInS) no NEP. Dois campos foram realizados entre 2014 e 2019⁴. O primeiro, por meio de um levantamento do tipo *survey*, quando foram entrevistadas 144 pessoas em vilas que têm trabalhadores assalariados, em cujos arredores é cultivado o dendê, para caracterizar processos referentes às mudanças provocadas pela produção de uma *commodity* no cotidiano das vilas e no mercado de trabalho. O segundo, pela realização de entrevistas semiestruturadas com 30 trabalhadores assalariados (27 homens e 3 mulheres) e abertas com 9, para caracterizar e analisar as suas interações nos lugares de residência, lazer e trabalho. Em termos percentuais, 75% são migrantes (“os de fora” - 65% do Pará e 10% do Maranhão) e 25% são naturais das vilas.

Para identificar os trabalhadores, utilizo as mesmas denominações registradas por Costa (2020) segundo diferenças estabelecidas localmente para o uso das expressões “os daqui” (nascidos na própria vila) e “os de fora” (de outros municípios do Pará ou do Maranhão que chegaram para trabalhar). Para efeito de análise e apreensão de padrões característicos das suas relações, tomo estes dois grupos que mais se diferenciam como **centrais na análise**.

Neste artigo, apoio-me como base teórica em estudos de Simmel (1983) sobre a sociabilidade para analisar as interações entre “os daqui” e “os de fora”, levando em consideração os diferentes tempos e universos de análise. O autor refletiu sobre metrópoles modernas no início do século XX na Europa. A partir das suas abstrações, eu tomo como objeto de análise interações em vilas rurais, lugares de interconhecimento. Ademais, interações ocorrem por meio de redes sociais, portanto, não

⁴ Como a pesquisa privilegiou trabalhadores assalariados que tinham vínculo empregatício com carteira assinada, não abordo as consequências da reforma trabalhista de 2017 que é tema de outra linha de investigação sob a minha coordenação.

presenciais, fenômeno que se intensifica globalmente. Inspiro-me também no seu estudo sobre o “estrangeiro” (Simmel, 1983b) para apreender a condição que afasta “os de fora” dos seus lugares de origem, mas os fixa em outros lugares, nos quais vivenciam interações com distância e proximidade, indiferença e envolvimento, também características da sociabilidade primária e secundária nas interações face a face ou mediadas por instituições (Peixoto, 2000).

Complementarmente, utilizo as reflexões sobre *outsiders* de Becker (2008) para compreender a relação entre os trabalhadores “daqui” e “os de fora” em face da problemática das regras. Muito embora reconheça a brilhante contribuição da obra de Elias e Scotson (2000) sobre os estabelecidos e os *outsiders*, lidei com dados de 144 vilas que não me permitiram descrever em profundidade as relações comunitárias e intergeracionais.

Assim, a partir de Simmel e Becker, considero a tensão entre a sociabilidade como a forma lúdica de sociação e o desvio como a infração de alguma regra, geralmente aceita, como conteúdos vigentes nos processos de interação dos trabalhadores assalariados.

O artigo tem como maior contribuição a elucidação de relações sensíveis, tensas e, muitas vezes, lúdicas, entre trabalhadores com diferentes origens no entorno da produção de uma *commodity*. Não obstante, este estudo não é uma descrição etnográfica densa segundo os parâmetros da antropologia interpretativa.

TRABALHADORES ASSALARIADOS NA DENDEICULTURA: PREDOMINAM HOMENS, JOVENS E MIGRANTES

Como identificado por Mota, Balsadi e Mourão Júnior (2019), a maioria dos trabalhadores da dendeicultura do Pará têm uma especificidade: vivem nas proximidades dos empreendimentos ou em municípios vizinhos e, em consequência, trabalham ‘perto de casa’. O fenômeno contrasta com ondas de deslocamento que têm caracterizado o mercado de trabalho agrícola mundial, apesar do aumento da rejeição aos migrantes encarados como concorrentes aos escassos empregos e agravada pela problemática dos refugiados nos últimos anos. Novas identidades se conformam, novas desigualdades se constroem em relações de trabalho cada vez mais pontuais. Não obstante as especificidades do trabalho “longe” ou “perto de casa”, estudiosos concordam quanto ao aumento da precarização do trabalho mundialmente, expressa no maior tempo de trabalho não pago, na duração das jornadas de trabalho, na curta duração dos vínculos, na perda de direitos, dentre outros aspectos, conformando uma estratégia de acumulação flexível do capital, frequentemente utilizada para reduzir custos mediante “[...] formas de compra e uso exato e ajustado da força de trabalho no processo produtivo” (Félix, 2018, p. 102).

Todos os entrevistados⁵ residem em vilas rurais nas adjacências dos monocultivos para facilitar o deslocamento para o trabalho. Assim, 42% residem em vilas rurais dos municípios de Acará, 32%, de Moju, 19%, de Concórdia e 7%, de Tomé-Açu, municípios que se notabilizam entre os maiores produtores de dendê no estado do Pará (Mota *et al.*, 2022, p. 19). As suas residências são de alvenaria em 61% dos casos e madeira em 39%, das quais, 100% possuem energia elétrica, 93% água encanada, 79% sanitários e 69% banheiro.

Os seus postos de trabalho foram obtidos a partir de relações de amizade, parentesco e por seleção curricular. No trabalho, eles têm três diferentes tipos de jornada: i) o sistema 4 por 4, no qual trabalham 4 dias e folgam 4; ii) o sistema matutino, que vai de 6 hs às 12:30 hs; e iii) o sistema de dois turnos. As jornadas mais apreciadas são aquelas que permitem alternar o trabalho assalariado com o trabalho na roça, para os “de dentro” e 4 por 4 para “os de fora” porque permite visitar a família nos seus lugares de origem, mesmo que seja mais exaustiva. A preferência tem relação também com as possibilidades de viver a sociabilidade, como analisarei a seguir.

Em se tratando dos migrantes, para além da precarização, estudiosos analisam que estereótipos, discriminações e acusações pela concorrência por empregos povoam as suas existências como identificado em plantios de dendê em Papua Nova Guiné (Koczberski; Curry, 2004). Na Malásia, Pye (2017) cita uma vida “subterrânea” caracterizada por extrema dificuldade e medo dos migrantes na vivência da ilegalidade, situação oposta aos trabalhadores da dendeicultura no NEP.

Em uma vila do Pará, Carvalho (2016) constatou o aumento da população, da violência, da circulação de dinheiro e a expansão do lugar com melhoria na infraestrutura. Ela evidencia ainda que os moradores indicam o aumento no tráfico de drogas, assassinatos, gravidez precoce e prostituição. Os achados, coincidem com aqueles de uma das nossas entrevistas no AFInS quando alguém afirmou “A parte mais negativa depois que veio essa tanta gente de fora foi o aumento de drogas e a prostituição, isso foi uma parte negativa muito grande” (R. S., 80 anos). Os “de fora” explicitam suas percepções e “[...] afirmam sentirem-se mais vulneráveis por não serem do lugar e, não raro, terem as suas presenças veiculadas como causa do aumento da violência decorrente do uso de drogas, prostituição, roubos e assaltos” (Costa, 2020, p. 68).

Há disputa por narrativas e a chegada de migrantes, como visto, parece uma ameaça à população local em se tratando da segurança, bem-estar e obtenção de emprego, o que permite generalizar estereótipos amparados em grande parte em medos e ansiedades infundadas que separam nativos dos migrantes e que, portanto, interferem na sociabilidade (Koczberski; Curry, 2004).

⁵ A faixa de idade de 86% está entre 20 e 40 anos; 68% são casados, 19% têm união estável e 13% são solteiros; 26% possuem ensino médio completo, 26% ensino médio incompleto, 22% ensino fundamental completo, por fim, ensino fundamental incompleto e analfabetos com 13% cada. Em 82% dos casos, o trabalho na agricultura nos estabelecimentos familiares consta como a primeira experiência ocupacional ainda na infância.

Os entrevistados, independentemente das suas origens, demonstram preocupação com a violência. Entretanto, o sentimento doloroso da indiferença permeia as falas de alguns dos “de fora”, especialmente quando se referem aos lugares de lazer, como analisarei mais adiante.

SOCIABILIDADES ENTRE “OS DAQUI” E “OS DE FORA”

Privilegiei neste ensaio as relações que ocorrem no dia a dia dos entrevistados: a) nos lugares de residência; b) nos lugares de lazer; e c) nos lugares de trabalho assalariado nos monocultivos de dendê. Considero que essas dimensões são elucidativas das relações que se estabelecem nas vilas entre os trabalhadores migrantes, na condição de “estrangeiros” (“os de fora”), e os trabalhadores que dali são naturais e ali residem (“os daqui”). Chamo a atenção para a classificação, com propósito analítico, visando apreender padrões de interação dos dois grupos. Mas, sem deixar de reconhecer que, em menor proporção, relações amparadas no parentesco podem influenciar as suas sociabilidades e amenizar fronteiras entre “os daqui” e “os de fora”.

Distintos lugares de viver segundo a procedência do trabalhador

Nas 144 vilas visitadas residem trabalhadores assalariados na dendeicultura em decorrência da proximidade dos monocultivos (Mota *et al.*, 2022, p. 19). A olho nu, distingi lugares que evidenciavam residências recentes dos trabalhadores. Em alguns casos, um letreiro com a palavra “quitinetes” ou “aluga-se” e números de telefones. Ribeiro (2016) verificou que se constituem novos bairros com a venda de terrenos para a construção de casas pelos recém-chegados:

Um morador antigo da vila que detinha alguns terrenos loteou áreas que estavam por trás da vila. Assim, se originaram quatro novas ruas, que os moradores chamam de “bairro do sossego” ou, como é mais conhecido, “bairro novo” (RIBEIRO, 2016, p. 77).

Como afirmou um entrevistado:

A maioria dos trabalhadores assalariados da empresa estão concentrados aqui na vila, o dia a dia e a vila estão totalmente modificados pela proximidade da empresa. Uma das maiores rendas da vila é o aluguel de quitinetes e casas. Serviços públicos em crescimento (S. M., 43 anos).

Os depoimentos atestam que houve um aquecimento do mercado imobiliário, e a ocupação do espaço demarca a origem dos seus ocupantes, com “os daqui” residindo predominantemente em lugares mais antigos das vilas e próximos dos serviços, das praças e das igrejas, enquanto os “de fora” sobressaem em novos bairros ou em ruas dos arredores. Os marcadores existem e anunciam diferenças entre os dois grupos e também interações específicas. Costa (2020, p. 100) observou:

Identifiquei essa situação marcante em uma das quitinetes. Ali, dos 16 quartos, apenas um não era de trabalhador assalariado no dendê e cinco não tinham companheiras e filhos. Nesse lugar, a interação era restrita entre aquelas pessoas com seus vínculos, seus espaços de

convivência, os quais eram em frente das casas, e havia uma barraca construída por eles para os jogos clássicos e almoço nos finais de semana.

Nos lugares de residência, interações evidenciam-se entre “os de fora” que chegam por meio de redes de parentesco e de amizade, sozinhos ou com suas famílias. Assim, permanecem agrupados em imóveis vizinhos ou próximos onde vivenciam a sociabilidade primária nas relações informais face a face (Peixoto, 2000, p. 46), nas reciprocidades vicinais e no lazer.

Nas vilas e nos lugares onde residem, formam-se grupos de trabalhadores entre os que chegam e permanecem por diferentes tempos. Em todos os casos, a “[...] sua posição no grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram e nem poderiam se originar no próprio grupo” (Simmel, 1983b, p. 182).

Diferentemente, trabalhadores entrevistados entre “os daqui” valorizam o pertencimento familiar e, assim se apoiam, conforme os depoimentos:

Eu tenho que estar perto da mãe do pai, porque parece que eles são um socorro, um refúgio tipo, eu moro aqui, mas, o negócio apertou aqui em casa, aí a gente corre para casa do pai da mãe e parece que lá nunca falta nada. Parece um refúgio para gente (M. R., 30 anos).

Eu entrei lá com um objetivo. De fazer uma casa para mim aqui mesmo, pertinho [no terreno do pai] e tirar minha habilitação. Quando eu conseguir esses dois, eu falei que ia sair e ia viver do meu próprio serviço (A. L., 25 anos).

A luz das reflexões de Simmel (1983a), constatei que nos lugares de residência, segmentadas pelas origens dos trabalhadores, há reciprocidades emocionais e materiais, jogos e conversação pelo prazer que a sociação proporciona. Se faz relevante, o fenômeno mais típico da sociabilidade, qual seja, a conversação, legítima em si mesma e uma das formas mais puras de reciprocidade:

Isto não implica que o conteúdo de uma conversação seja indiferente. Ao contrário, deve ser interessante, atraente e mesmo importante. Mas não pode se transformar no propósito da conversação, que nunca deve estar atrás de um resultado objetivo; este possui uma vida independente, fora, por assim dizer, da conversação (Simmel, 1983a, p. 176).

Como parte da rotina, os trabalhadores “de fora” e outros membros das suas famílias frequentam outros lugares das vilas, como comércios, oficinas, postos de saúde e infraestruturas dos demais serviços. Eles reconhecem a dificuldade de interação, a falta do prazer da conversação por reciprocidade, mesmo que a sociabilidade seja um jogo de “faz de conta” em que todos são iguais (SIMMEL, 1983a). Um entrevistado explica as suas razões, amparadas no interconhecimento:

Aqui os conhecidos mesmo sabem tudinho quem é fulano, fulano e ciclano que a gente conhecia muito tempo. A maioria vem de fora, entrou uma violência tão grande nessa vila aqui. Alguém pode não falar por aí, mas eu falo porque a pisada aqui como é que é (F. A. T. D., 70 anos).

No depoimento, saber quem é o outro ou desconhecê-lo, tem papel central na questão da violência associada à chegada dos “de fora”, indicados como infratores, portanto *outsiders*. A regra em jogo, muito embora não explicitada, seria não praticar a violência. Os trabalhadores “de fora” têm uma opinião diferente e não aceitam o rótulo de causadores do desassossego. Em consequência, tendem a considerar seus críticos também como *outsiders*, no sentido analisado por Becker (2008).

Mesmo que pertençam objetivamente a mesma classe social, o entrevistado e os trabalhadores “de fora” vivenciam uma interação influenciada por estranhamentos pela falta de convivência e de vínculos. Diferentemente da reflexão de Simmel (1983a), a sociabilidade na mesma classe social pode ser dolorosa.

Nessa situação, para entrar na interação lúdica, o trabalhador precisa ser considerado como “os daqui”, com longo período de residência na vila ou com laço familiar com alguém “de dentro” (amizade, casamento e parentesco).

Lazer: estigmas e fugas

Nas 144 vilas visitadas, houve crítica à falta de lazer e os lugares indicados como frequentados foram os campos de futebol e os bares, que totalizam 144 e 108, respectivamente. Uma entrevistada afirmou que “o lazer da vila é futebol e bar” (G. R., 33 anos).

Mesmo que sejam considerados espaços abertos de lazer, os campos de futebol são bastante hierarquizados. Os times, os campeonatos e as comemorações são organizados em grupos ligados por laços de parentesco, de vizinhança e com um histórico de interação. Portanto, são submersos na sociabilidade secundária⁶ – relações coletivas, designadas como secundárias ou formais (Peixoto, 2000, p. 46).

De acordo com os depoimentos registrados por Costa (2020), alguns dos seus entrevistados “de fora” vivenciaram uma situação constrangedora:

As pessoas deveriam tratar melhor as outras e ter direitos iguais para quem é de fora e daqui. No futebol, os outros tratam mal os que vêm de longe e fazem brincadeira, principalmente com os maranhenses (M. S., 25 anos).

Eu não me sinto muito bem em frequentar campo lá atrás, eu fui lá um dia e tinha muita gente jogando e uns na beira do campo. Ficaram todos me olhando estranho, como se eu fosse um ladrão, eu pensei, eu vou embora. Não conheço ninguém. Eu sou novato e não fico me sentindo muito bem (J. R., 25 anos).

⁶ No que concerne à sociabilidade secundária, os dados mostram que, nas 144 vilas onde residem trabalhadores assalariados, há um conjunto de instituições que congregam diferentes residentes: 144 clubes de futebol, 115 grupos de jovens, 99 associações comunitárias, 25 grupos de mulheres, 21 sindicatos rurais, entre outras. Constatei que 100% dos trabalhadores assalariados entrevistados são afiliados de forma voluntária à Feterpa, embora participem apenas ocasionalmente quando os membros da direção chegam nos seus lugares de trabalho.

Os depoimentos indicam a segmentação em eventos com caráter lúdico em um grupo que tem um histórico de interação e é filiado a uma organização desportiva formal (time ou clube de futebol) no exercício da sociabilidade secundária, que potencializa a interação. Por causa do sentimento de discriminação evidenciado no depoimento, observa-se que há uma situação de conflito latente, o que parece motivar o entrevistado a permanecer em seu próprio grupo, “os de fora”. Se por um lado, a participação das pessoas nos jogos normalmente ressalta o seu pertencimento a redes de sociabilidade, por outro, também permitem perceber a tensão decorrente de situações de conflito, conforme sugerido por Gastaldo, Rocha e Braga (2016, p. 418). Para o caso, o conflito se evidencia pela indiferença em uma interação entre atores na qual o trabalhador “de fora” vivencia incompatibilidades na percepção e no sentimento com os outros que estão no campo e assim, a sua ação “[...] sofre algum impedimento a partir de outro ator social” conforme nos ensina Glasl (1997, p. 14-15).

Em outras situações, a chamada “bola” no final da tarde – jogo de futebol dissociado de organizações desportivas – é bastante valorizada pelo exercício físico, pelo divertimento e pelas relações que proporciona entre os “de fora” e os “de dentro”, com práticas às vezes um tanto quanto jocosas, que demonstram “aspectos profundos do ethos masculino” na atividade esportiva (Gastaldo, 2006, p. 13).

Tema bastante polêmico entre trabalhadores é a questão dos bares e casas noturnas, lugares de interação, mas, via de regra, associados à violência incentivada pela bebida alcoólica. Os depoimentos tanto de trabalhadores “dos daqui” quanto “de fora”, informam que as mudanças ocasionadas pela chegada de trabalhadores solteiros de outros municípios contribuem para uma “violência mais exacerbada por causa do alcoolismo e drogas” nas vilas (S. M., 43 anos). Para outro: “[...] a vila não tem opções e também não saio com a família devido ao perigo, pois a cada dia a vila fica mais perigosa” (A. J., 31 anos).

Os depoimentos de entrevistados mais idosos coincidem com o dos trabalhadores: “Aí começou a mudar os sistemas das festas, não é? Fizeram um salão lá embaixo, mas não prestou mais. Para nós que chegamos lá e vemos aquelas carretinhas é diferente faz muito barulho é muita zoadada e tem muita confusão” (F. A. T. D., 70 anos). Um outro apela para a suas memórias “Quando a pessoa queria brincar, a pessoa dançava nos assoalhos ao som de vitrola, aquilo tocava tão baixo que era obrigado todo mundo dançar descalço se não ninguém escutava as músicas” (R. S., 80 anos).

A música é tema de reflexão quanto ao seu volume no presente, em contraste com o passado. Sugerem os entrevistados que a regra operante seria o respeito ao baixo volume em sintonia com a afirmação de que “regras são feitas pelos mais velhos para os jovens” (Becker, 2008, p. 29). Por outro lado, impostas a “[...] alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo” (Becker, 2008, p. 15). Creio que relativo ao volume da música, a maioria dos trabalhadores

diferem do proposto pelos idosos, pois o Pará é conhecido nacionalmente pelas aparelhagens e sons com altos volumes. Assim, concordo que

O grau em que um ato será tratado como desviante depende também de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele. Regras tendem a ser mais aplicadas a algumas pessoas do que a outras (Becker, 2008, p. 25).

Os entrevistados reconhecem que não frequentavam os bares, portanto, não havia interação com os hipotéticos frequentadores. Sem evidenciar a possibilidade de sociabilidade naqueles lugares, revelavam mais a tentativa de demarcação de diferenças entre “os daqui” e “os de fora”. Mas há quem pense diferente: “O dendê veio favorecer as pessoas. Não tinham emprego antes, tirou até da criminalidade as pessoas” (M. N., 75 anos).

Nas 144 vilas visitadas, 64% dos entrevistados demonstraram preocupação com a segurança onde residem (Mota *et al.*, 2022, p. 18). Não obstante, o tema merece reflexão considerando que os mesmos entrevistados dizem que há relativa tranquilidade na vila. A segurança, em minha análise, estaria relacionada à existência de aparatos de segurança, como policiamento mais intenso. No caso da tranquilidade, é pouco barulho, pouco movimento e “paz”, segundo um entrevistado, pois sempre comparavam o lugar com a agitação das cidades.

Para além do futebol e dos bares, há quem inclua as igrejas como uma opção de lazer, especialmente aqueles que professam uma fé sistematicamente e participam de grupos que evangelizam e promovem ações beneficentes. Nas 144 vilas, o número de igrejas chamou a minha atenção: 139 católicas e 244 evangélicas. Portanto, um total de 383. Constatei que a frequência tem relação direta com a origem dos trabalhadores: os cultos de rotina atraem menos os trabalhadores do que as festas católicas de padroeiros ou os grandes eventos evangélicos, porque são ocasionais. Em suas explicações, esclarecem que o cansaço gerado pelo trabalho os desgasta; por isso, evitam assumir compromissos à noite. Durante o tempo de descanso, muitos deles visitam as suas famílias; em alguns casos, até mantêm roças nas quais trabalham no tempo de descanso, particularmente aqueles que trabalham na jornada de 4 por 4.

Como especificado, das 30 entrevistas com trabalhadores assalariados, 3 foram realizadas com mulheres. Elas não indicaram atividades de lazer fora de casa sob o argumento de que duas delas têm filhos e no tempo livre têm muitos afazeres porque têm dupla jornada de trabalho. Assim, assistir à televisão e conversar com a família e os vizinhos é a preferência de uma delas; a outra faz aula de dança. A solteira indica preferir “ficar no celular”.

Muito embora citada somente por uma entrevistada, “ficar no celular” é prática generalizada entre os trabalhadores que buscam lugares de boa conexão tanto para conversar com familiares e amigos distantes, como para outras finalidades. A iniciativa dá relevância à constatação de que, “Nas redes sociais, a teoria de Simmel parece adquirir um considerável campo de aplicação, na medida em

que estes ambientes são regidos por uma dinâmica de sociabilidade, de ‘falar’ (por escrito) pelo prazer de falar” (Braga, 2011, p. 100). Mesmo assim, as redes sociais têm as suas particularidades porque a mediação por uma plataforma digital interfere na interação. De fato, gestos, postura corporal e outros sinais da comunicação não são completamente observáveis nesses ambientes, diferentemente do que ocorre na sociabilidade primária. Ademais, outras regras deverão ser seguidas porque não estão sujeitas ao local, são desterritorializadas.

Reconhece Braga (2011, p. 99) que: “A desterritorialização e a instantaneidade promovidas pela Internet facultam a formação de grupos de interesses comuns, mas sem vínculos territoriais, configurando uma nova forma de organização comunitária, com muitas especificidades”.

Além disso, como afirma a autora, há possibilidades também de conflitos porque as práticas de sociabilidade a partir da internet têm “características de interação diferenciadas daquelas apresentadas pela sociabilidade convencional” (Braga, 2011, p. 98). Inspirada em Simmel, ela afirma: “Apesar dos conflitos serem motivados por fatores de dissociação, são também modos de se conseguir algum tipo de unidade” (Braga, 2011, p. 98) porque por um lado, afasta os trabalhadores pela diferença de origem e, por outro, os une em torno da afinidade da condição de outsiders.

Sociabilidades no trabalho: prazer da sociação?

Como citado anteriormente, dos 30 trabalhadores assalariados entrevistados e residentes em vilas de 4 diferentes municípios, 75% eram “de fora” e somente 25% eram naturais do local onde estavam trabalhando (“de dentro”). Para 60% deles, migrar para trabalhar é habitual sob argumento de que não têm terra ou, se têm, enfrentam dificuldades para cultivá-la. Assim, ao longo da vida, eles migraram entre 3 e 8 vezes para trabalhar, inclusive em direção aos mesmos lugares para trabalho temporário.

No caso da dendeicultura, o tempo de trabalho assalariado é de menos de 2 anos em 23% dos casos, de 3 a 6 anos em 55%, de 7 a 10 anos para 12% e de mais de 10 anos para 10%. Quanto ao vínculo, 71% trabalharam na mesma empresa e 29%, em várias.

Pelos números e pelas características do vínculo com carteira assinada, analiso que não se trata “do viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que ‘chega hoje e amanhã fica’” (Simmel, 1983b, p. 182). Essa condição revela duas características que Simmel (1983b, p. 182) denomina “a forma sociológica do estrangeiro” e implica uma forma específica de interação: simultaneamente, os trabalhadores estão próximos e distantes nas suas formas específicas de interação. Essas características também se aplicam às relações com aqueles que ficaram nos seus lugares de origem ou de passagem, havendo atualmente a possibilidade de contato digital “desterritorializado e instantâneo”.

A condição de quem “chega hoje e amanhã fica” favorece, “assim, um modelo consistente de coordenação e interação” (Simmel, 1983b, p. 183) que repercute nas interações em torno do trabalho. As vagas de trabalho assalariado na dendeicultura foram obtidas, para 75% dos trabalhadores, a partir de relações de amizade e de interconhecimento e, para 25%, graças à indicação de parentes, chefes anteriores e a candidaturas independentes por meio de currículo. Em todos os casos, indicam-se colegas ou parentes em virtude de relações amistosas preexistentes no trabalho ou nas relações familiares.

Sobre as relações nos lugares de trabalho, há variações importantes, mas 90% afirmam que estar com os colegas é um dos acontecimentos que mais agrada porque prevalece “A amizade que tem com a equipe, os amigos de trabalho se preocupam com os outros” (J. R. M., 45 anos); “As amizades são boas amizades, de diferentes lugares” (A. F. S, 40 anos); “É o companheirismo da equipe. São muito unidos. Tem muitas brincadeiras” (C. G., 26 anos); e “As amizades que arrumam no trabalho na hora de sair da empresa sente falta” (D. L. S., 25 anos). Ressalto que os entrevistados trabalhavam em grupos que ganhavam por produtividade, o que incentiva a cooperação porque todos ganharão mais a cada superação da meta. Em consequência, estabelecem-se laços que se refletem nas interações nos intervalos de almoço quando os trabalhadores jogam, conversam, relaxam em grupo e abstraem-se do estresse do trabalho.

Tem especial importância nas suas narrativas, a interação nos trajetos do ônibus da empresa para o trabalho. A sociabilidade primária por meio da conversação, das piadas, fofocas e brincadeiras cria situações nas quais o prazer recíproco é a tônica. Confirma-se a assertiva de que “A sociabilidade, se se quiser, cria um mundo sociológico ideal, no qual o prazer de um indivíduo está intimamente ligado ao prazer do outro” (Simmel, 1983a, p. 172).

À exceção das diferenças vividas nos lugares de residência e de lazer, há depoimentos que as afirmam segundo a procedência do trabalhador e pela valorização:

Não sei nem como dizer. Mas tem diferença sim. Dizem que o povo maranhense é melhor de serviço que o povo paraense. Tem o ditado lá que eles dizem. Nossa equipe tem um maranhense, que os caras brincam muito com ele. Falam que ele veio de lá, para viver melhor aqui no Pará. Os maranhenses chegam para viver bem no Pará, porque eles chegam e botam para quebrar (A. L., 25 anos).

A constatação coincide com a de Menezes e Cover (2020, p. 764) que afirmam que a condição de “ser de fora”, “estar sem família” e “ser temporário” pode tornar o trabalhador produtivo, obediente e disciplinado, mas também provoca concorrências pelos postos de trabalho. Não obstante, os depoimentos indicam predominantemente o prazer da interação nos pequenos grupos que se instituem no trabalho. Mesmo assim, há quem não aprecie essas relações e as considere como “Péssima qualidade do ambiente de trabalho com as brincadeiras chatas que alguns têm de esconder as sacolas” (D. S. P., 33 anos).

Nas interações lúdicas no trabalho, duas afirmações chamaram minha atenção: a valorização dos diferentes lugares de origem dos trabalhadores e a falta que farão quando da saída da empresa. Em nenhuma das narrativas dos entrevistados, há indicação de transbordamento dessas situações de interação para os lugares de residência. A constatação sugere uma lacuna a ser considerada nas futuras investigações porque transcende, a meu ver, a relação entre os trabalhadores e a valorização das interações entre outros membros da família que permanecem nas vilas e frequentam outros espaços, como as escolas.

No caso das três trabalhadoras, elas destacam dois temas que não foram abordados em nenhuma das entrevistas com trabalhadores. O primeiro é o temor de assédios. Nas palavras de uma delas, trabalhar no dendezal “É perigoso principalmente para mulher, porque tem risco de violência sexual, nunca aconteceu, mas a gente nunca sabe, não é! Os roubos sim, já aconteceram e são frequentes” (J. S., 21 anos). O segundo refere-se à falta de valorização do trabalho de coleta da mariposa *Eupalamides*, praga que afeta o dendê. A entrevistada afirmou: “Que o nosso trabalho não é valorizado. Algumas pessoas criticam e acham que é uma função desnecessária só ficar catando mariposa” (E. S., 36 anos). A constatação remete a uma noção relativa à divisão sexual do trabalho, que “Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.)” (Kergoat, 2009, p. 67).

Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem ‘vale’ mais do que um de mulher) (Kergoat, 2009, p. 67).

Para a coleta de mariposas é pré-requisito a “delicadeza”, ou seja, destreza da coordenação motora fina para a prática, portanto, decorrente de aprendizados na totalidade do trabalho reprodutivo. A qualificação delas é resultado de uma construção social de competências e não uma aptidão nata, um dom. Nem por isso, deixam de ser consideradas como desiguais sistematicamente e hierarquizadas como inferiores na criação de um sistema de gênero (Hirata; Kergoat, 2007).

No que diz respeito à sociabilidade secundária, 100% dos trabalhadores entrevistados afirmaram ser afiliados aos sindicatos de trabalhadores empregados do Pará. No interior do sindicato, a interação face a face ocorre, predominantemente, em épocas de negociação coletiva, quando as lideranças mobilizam os trabalhadores nas próprias empresas para discutir termos dos acordos. Em visita a uma das sedes do sindicato, constatei que interações ocorrem também entre membros da diretoria e desempregados da dendeicultura que buscam novas informações sobre empregos ou desejam discutir direitos trabalhistas.

No trabalho, como visto, há predomínio da sociabilidade primária, dessa feita, para além das segmentações observadas entre “os daqui” e “os de fora”. Ao prazer da interação, soma-se a influência

dos “estrangeiros” na conformação de uma interação específica que estabelece vínculos mais intensos entre os trabalhadores. Mesmo com as suas diferentes origens, a persistente cooperação para o aumento do ganho por produtividade e as longas jornadas juntos parecem contribuir para maior interação.

PARA CONCLUIR

O objetivo deste artigo foi analisar as relações de sociabilidade entre trabalhadores migrantes assalariados na dendeicultura e trabalhadores residentes e naturais de vilas rurais no NEP. A pesquisa foi realizada no âmbito do Projeto AFInS entre 2014 e 2019.

Diferentemente de outras regiões produtoras de dendê na Ásia e na América Latina, onde a presença de migrantes homens constitui a força de trabalho assalariada envolvida em rotas internacionais; no Pará, eles são predominantemente do estado e trabalham em municípios vizinhos, para os quais migram, acompanhados ou não, das suas famílias, por meio de redes de parentesco e de amizade.

Entre os trabalhadores assalariados, a sociabilidade institui-se segundo padrões que têm relação direta com a origem dos entrevistados e que se enquadram na condição de “estrangeiros” (“os de fora”) e de trabalhadores naturais que residem nos lugares de trabalho (“os daqui”). A pesquisa permite-me concluir que, não obstante as interações em diferentes lugares de serviços e de lazer nas vilas, o prazer da socição evidencia-se mais intensamente entre grupos que têm em comum os lugares de residências e os grupos de trabalho e, menos intensamente, o lazer.

Nas interações na vila e no lazer evidencia-se mais fortemente a condição atribuída aos “de fora” como *outsider*, muito embora eivada de ambiguidades entre quem espera o cumprimento de regras e quem não se vê como infrator das mesmas.

Nas interações no trabalho, as equipes mostram o prazer da socição, muito embora esse prazer não repercuta na mesma proporção em outros lugares da vida social das vilas. Exceções se evidenciam somente para aqueles que residem há anos na vila ou constituíram família por meio do casamento. As relações familiares, evidenciam-se assim como possibilidade de intensificação da interação. Os achados permitem-me questionar a universalidade da ideia de que a sociabilidade na mesma classe social é menos problemática e dolorosa, como afirma Simmel (1983a).

A sociabilidade secundária evidencia-se em diferentes organizações coletivas, mas somente em duas delas identifiquei a participação mais numerosa dos trabalhadores assalariados: a) nos clubes de futebol, expressão da socição “dos daqui”, ancorados em relações duradouras e preexistentes, e b) nos sindicatos, organização que afilia todos os trabalhadores empregados, independentemente de sua origem.

Os elementos mais “puros” da sociabilidade fazem-se presentes no trabalho, especialmente entre os homens que são predominantemente “de fora” e trabalham por produtividade, estão sempre juntos no almoço e no transporte. As mulheres vivenciam um certo isolamento pelas características da ocupação na coleta da mariposa e, assim, sentem que não há valorização do trabalho.

Como conclusão geral, constatei que o prazer da sociação é predominantemente segmentado, mesmo que entre trabalhadores da mesma classe social, o que permite problematizar a generalização de Simmel quanto ao prazer da sociabilidade na mesma classe social. Concluo que a condição de ser “daqui” ou “de fora” influencia fortemente no padrão que se estabelece.

Por fim, com base nas contribuições de Braga (2011) e nos meus achados, ressalto duas questões. A primeira, no universo de sociabilidades, diz respeito às interações que se têm generalizado no espaço virtual: desterritorializadas e instantâneas na promoção de sociabilidades mediadas por plataformas digitais, têm especificidades que as diferenciam da sociabilidade primária, face a face. A segunda é a atualidade das contribuições de Simmel para o estudo das redes sociais, “[...] na medida em que estes ambientes são regidos por uma dinâmica de sociabilidade, de ‘falar’ (por escrito) pelo prazer de falar” (Braga, 2011, p. 100).

REFERÊNCIAS

ACEVEDO MARIN, R. E.; BACKHOUSE, M. *Guerra do dendê: quilombolas atingidos pela expansão do dendê no Pará*. Manaus: UEA Edições, 2014. 24 p. (Boletim Informativo, 9).

BACKHOUSE, M. *A desapropriação sustentável da Amazônia: o caso dos investimentos em dendê no Pará*. Berlin: Freie Universität Berlin, 2013. (Fair Fuels? Working Paper, 6).

BRAGA, A. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. *Desigualdade & Diversidade: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 95-104, ago./dez. 2011.

BRANDÃO, F.; SCHONEVELD, G. *The state of oil palm development in the Brazilian Amazon: trends, value chain dynamics, and business models*. Bogor, Indonesia: CIFOR, 2015. (Working Paper, 198).

BRANDÃO, F.; SCHONEVELD, G.; PACHECO, P. Integração da agricultura familiar à cadeia da palma de óleo na Amazônia brasileira: análise e recomendações. *Infobrief do Cifor*, Bogor, Indonésia, n. 207, p. 1-6, mar. 2018. Disponível em: https://www.cifor.org/publications/pdf_files/infobrief/6849-infobrief.pdf. Acesso em: 5 fev. 2021.

CARNEIRO, T. ‘Guerra do dendê’ no Pará: comunidade denuncia que empresa impede quilombolas e ribeirinhos de pescar e visitar cemitério. *Combate Racismo Ambiental*, 4 jul. 2022. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2022/07/04/guerra-do-dende-no-para-comunidade-denuncia-que-empresa-impede-quilombolas-e-ribeirinhos-de-pescar-e-visitar-cemiterio/>. Acesso em: 5 jul. 2022.

CARVALHO, A. C. A. de. *As metamorfoses do trabalho e no espaço a partir da dendeicultura em Tomé-Açu (Pa): estudo de caso na Vila Forquilha*. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2016.

CASTELLANOS-NAVARRETE, A.; TOBAR-TOMÁS, W. V.; LÓPEZ-MONZÓN, C. E. Development without change: oil palm labour regimes, development narratives, and disputed moral economies in Mesoamerica. *Journal of Rural Studies*, [s.l.], v. 71, p. 169-180, Oct. 2019. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.08.011>.

COSTA, R. de J. “*Um conhecido estranho*”: transformações no lugar de morada e nas relações de sociabilidade sob influência da dendeicultura na vila Forquilha, Tomé-Açu/Pará. 2020. 129 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa Amazônia Oriental, Belém, 2020.

DÖRRE, K. A nova *Landnahme*: dinâmicas e limites do capitalismo financeiro. *Direito & Praxis*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 536-603, 2015. DOI: 10.12957/dep.2015.19233.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 224 p. Original: 1965.

GASTALDO, E. L. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1-16, jul./out. 2006.

GASTALDO, E. L.; ROCHA, E.; BRAGA, A. Jogos, sociabilidade e conflito no Brasil. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 52, n. 3, p. 417-424, set./dez. 2016.

GLASL, F. *Konfliktmanagement*. Ein Handbuch für Führungskräfte und Berater. 4.ed. Bern: Stuttgart: Haupt, Freies Geistesleben. 464p. 1997.

‘GUERRA do dendê’ no Pará: veja perguntas e respostas. *G1 Pará*, 5 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/07/05/guerra-do-dende-no-para-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>. Acesso em: 5 jul. 2022.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez. 2007

KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Org.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67-75.

KOCZBERSKI, G.; CURRY, G. N. Divided communities and contested landscapes: Mobility, development and shifting identities in migrant destination sites in Papua New Guinea. *Asia Pacific Viewpoint*, [s.l.], v. 45, n. 3, p. 357-371, 2004.

LI, T. M. *The gendered dynamics of Indonesia's oil palm labour regime*. Singapore: Asia Research Institute, 2014. 17 p. (Working Paper Series, 225).

MENEZES, M. A. de; COVER, M. Trabalhadores migrantes em usinas de cana de açúcar em São Paulo, Brasil: dominação e práticas de resistência. In: PALERMO, H. M.; CAPOGROSSI, M. L. (Dir.). *Tratado latinoamericano de Antropología del Trabajo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires:

CLACSO: CEIL: CONICET; Córdoba: Centro de Investigaciones sobre Sociedad y Cultura, 2020. p. 733-770.

MOTA, D. M. da; BALSADI, O. V.; MOURÃO JÚNIOR, M. Transformações na estrutura ocupacional do Norte do Brasil com foco na dendeicultura. *Raízes*, Campina Grande, v. 39, n. 2, p. 289-312, 2019. <https://doi.org/10.37370/raizes.2019.v39.111>.

MOTA, D. M. da; NASCIMENTO, D. A. S. do; SCHMITZ, H. Mulheres com contratos de integração para a produção de dendê no Pará: redefinindo relações de gênero? *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, DF, v. 58, n. 3, e192796, 2020.

MOTA, D. M. da; SCHMITZ, H.; MOURÃO JÚNIOR, M. Oil palm cultivation in the Brazilian Amazon: state actions, interest groups and conflict. In: BONANNO, A.; CAVALCANTI, J. S. B. (Org.). *State capitalism under neoliberalism: the case of agriculture and food in Brazil*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2019. p. 93-112.

MOTA, D. M. da et al. *A agricultura familiar e a produção de dendê por contrato no Nordeste Paraense: contribuição para as políticas públicas*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental: UFPA, 2022. 19 p.

PEIXOTO, C. E. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

PYE, O.; DAUD, R.; HARMONO, Y.; SUKARSA, T. Precarious lives: Transnational biographies of migrant oil palm workers. *Asia Pacific Viewpoint*, [s.l.], v. 53, n. 3, p. 330-342, 2012.

RIBEIRO, L. B. *O trabalho sob influência da dendeicultura em vilas rurais paraenses*. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-Amazônia Oriental, Belém, 2016.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de Sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. de (Org.). *Simmel: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1983a. p. 165-181. (Coleção os Grandes Cientistas Sociais).

SIMMEL, G. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. de (Org.). *Simmel: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1983b. p. 182-188 (Coleção os Grandes Cientistas Sociais).

SINAGA, H. *Competitive pressures and labour rights: The Indonesian oil palm plantation and automobile sectors*. Augsburg, München: Rainer Hampp Verlag, 2020. (Labor and Globalization, v. 19).

VALADARES, A.; GALIZA, M.; OLIVEIRA, T. A reforma trabalhista e o trabalho no campo. *Mercado de Trabalho*, [s.l.], n. 63, p. 95-106, out. 2017.

WILKINSON, J. *Land grabbing e estrangeirização de terras no Brasil*. In: MALUF, R. S.; FLEXOR, G. (Org.). *Questões agrárias, agrícolas e rurais: conjunturas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2017. p. 12-19.